

---

## Participação das Mulheres nas Startups Brasileiras

### Participation of Women in Brazilian Startups

---

**Daniel de Oliveira Gomes**ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1151-0110>

Universidade Potiguar/UnP, Brasil

E-mail: [gomesdaniel@outlook.com](mailto:gomesdaniel@outlook.com)**Lucas Miranda de Vasconcelos**ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6651-0917>

Universidade Potiguar/UnP, Brasil

E-mail: [lucasmivasconcelos@hotmail.com](mailto:lucasmivasconcelos@hotmail.com)**Viviane da Silva Costa Novo Moçambique**ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9627-7682>

Universidade Potiguar/UnP, Brasil

E-mail: [vivicostanovo@yahoo.com](mailto:vivicostanovo@yahoo.com)**Aldenor Moçambique da Silva**ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0258-7828>

Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Brasil

E-mail: [silva\\_aldenor@yahoo.com.br](mailto:silva_aldenor@yahoo.com.br)**Rômulo Andrade de Souza Neto**ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1810-939X>

Universidade Potiguar/UnP, Brasil

E-mail: [romulo.souza@unp.br](mailto:romulo.souza@unp.br)

---

### RESUMO

Em participação recente na disciplina Estudos Organizacionais Contemporâneos, estudou-se temas acerca de gênero. A partir das diversas leituras para atividades da disciplina, despertou o interesse nos autores em verificar como se dá a participação das mulheres nas startups brasileiras. Os autores realizaram pesquisa bibliográfica em revistas brasileiras e sites especializados no tema, com o objetivo de verificar como se dá a participação das mulheres nesse universo organizacional das startups. Como resultados, o que se encontrou foi um panorama nacional em que ainda existem diferenças entre quantidade e ações a serem mitigadas, quando o tema é fundação de startups por mulheres. O que se pode destacar com os achados é que esse cenário vem melhorando gradativamente e tem recebido apoio com ações diversas em várias regiões pelo Brasil, que estão fomentando uma maior participação das mulheres nesse campo das startups.

**Palavras-chave:** Mulheres; Participação profissional; Startups.

---

## ABSTRACT

In a recent participation in the discipline Contemporary Organizational Studies, themes about gender were studied. Based on the various readings for activities in the discipline, the authors were interested in verifying how women participate in Brazilian startups. The authors carried out bibliographic research in Brazilian magazines and websites specialized in the subject, in order to verify how women participate in this organizational universe of startups. As a result, what was found was a national panorama in which there are still differences between quantity and actions to be mitigated, when the topic is the foundation of startups by women. What can be highlighted with the findings is that this scenario has been gradually improving and has received support with different actions in various regions across Brazil, which are encouraging greater participation of women in this field of startups.

**Keywords:** Women; Professional participation; Startups.

---

## INTRODUÇÃO

O empreendedorismo no Brasil, é uma atividade de fundamental importância para a sociedade. A atividade movimenta grande parcela da economia do país, gerando novos empregos e atendendo às várias demandas sociais. O empreendedorismo contribuiu fortemente para o surgimento de um ambiente propício ao investimento, à inovação, aliado ao desenvolvimento técnico-científico.

No cenário brasileiro observou-se um índice de crescimento nas taxas de empreendedorismo, de acordo com pesquisa realizada em 2015 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE e demais parceiros, onde o Brasil teve uma taxa de 39,3%, sendo o maior índice registrado nos últimos 14 anos, e, aproximadamente, o dobro do registro em comparação com o ano de 2002, quando apresentava uma taxa de 20,9% (Global Entrepreneurship Monitor, 2015).

Entretanto, com o advento da pandemia da COVID-19, a Taxa de Empreendedorismo Total/TTE no Brasil, caiu por dois anos consecutivos, conforme mostra o relatório GEM (Global Entrepreneurship Monitor), realizado pelo Sebrae, em conjunto com o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade – IBQP. O relatório também indica o percentual da população adulta ocupada como empreendedor: em 2021, a proporção foi de 30,4%, enquanto em 2020 o índice foi de 31,6% e em 2019 chegou a 38,7% – o percentual mais elevado desde 2015, quando a taxa foi de 39,3% (SEBRAE, 2022).

O isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 forçou os empreendedores do mundo inteiro a se adaptarem rapidamente ao comércio online (E-commerce). Isso pode ter sido encarado como um desafio por alguns, mas também como uma grande oportunidade por outros. E aí, as startups encontraram um campo fértil para crescer rapidamente. Startup é um termo originário dos Estados Unidos há algumas décadas, que se popularizou entre os empreendedores. O termo faz referência a uma empresa que está iniciando suas atividades.

Considerando que uma startup é uma instituição humana projetada para criar novos produtos e serviços sob condições de extrema incerteza (Ries, 2012) chegou-se na seguinte questão: Como está a participação da mulher nas startups no Brasil?

De acordo com levantamento realizado pela Associação Brasileira de Startups (ABSTARTUPS, 2019), quando o ecossistema brasileiro de startups ainda estava no seu

desenvolvimento inicial, cerca de 10 anos atrás, com 18% do tamanho que tem hoje, as empresas de base tecnológica fundadas apenas por mulheres representavam 4,4% deste mercado e outras 3,5% tinham como seus fundadores homens e mulheres.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é identificar como ocorre a participação das mulheres nas startups brasileiras. E com isso pretende-se como objetivos específicos: conhecer em qual setor as mulheres atuam nas startups; em qual mercado elas têm mais representatividade, e onde (no Brasil) elas mais fundam essas organizações.

Com essa perspectiva, o artigo visa contribuir com os estudos que se utilizam da pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Inicialmente apresenta-se a importância de expor com clareza o método científico do qual parte o pesquisador; a segunda seção sinaliza as formas de construção do desenho metodológico e a escolha dos procedimentos que permitem realizar a classificação do material e do conteúdo a ser pesquisado; a terceira seção aborda a exposição do percurso de pesquisa realizado, direcionado às formas de apresentar e de analisar os dados obtidos; por fim são tecidas algumas considerações e listadas as referências bibliográficas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Empreendedorismo feminino**

Para Kacperczyk e Younkin (2019) e Carnahan *et al.* (2012) o empreendedorismo é um dos aspectos mais importantes da atual economia. Para Dornelas (2003), o empreendedorismo é um forte aliado do desenvolvimento tecnológico, por oferecer suporte à inovação e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento.

Há um consenso de que as mulheres permanecem sub-representadas enquanto empreendedoras. O desequilíbrio entre as empresárias e os empresários é bem ressaltado entre empreendimentos com elevado crescimento, tendo as mulheres representando uma parcela muito menor enquanto fundadoras, alcançando os resultados desejados (Robb *et al.*, 2014). Autores como Yang e Aldrich (2014); Ruef *et al.* (2003); e Reynolds *et al.* (2000), afirmam que há grande lacuna feminina no empreendedorismo, com as mulheres sendo menos bem-sucedidas do que os homens, nas mesmas áreas de atuação.

Para Morris *et al.* (2006), alguns dos motivos que levam a isso, é que as mulheres geralmente estão associadas a negócios atrelados a menor necessidade de capital, menos

tolerância ao risco inerente a esforços agressivos de crescimento e, assim, um menor desejo por capital financeiro para financiar o crescimento do seu empreendimento. Outros autores, como Box e Larsson (2018), corroboram com essa afirmação de que empreendimentos fundados por mulheres têm menores chances de sobrevivência, principalmente quando se tratam de startups exclusivamente do sexo feminino. Coadunam com essas afirmações, outros estudos de Canning *et al.* (2012); Greene *et al.* (2003); Gatewood *et al.* (2003); Brush *et al.* (2003); Coleman e Robb, (2009); Sørensen e Sharkey, (2014), que apontam que as mulheres tem uma propensão bem menor do que os homens de conseguir capital externo de investidores (Canning *et al.* 2012; Greene *et al.* 2003; Gatewood *et al.* 2003; Brush *et al.* 2003).

Guzman e Kacperczyk (2019) vem com um estudo que apresenta algumas razões para que startups fundadas por mulheres tenham baixo crescimento. Nesse estudo, os autores relatam que as mulheres têm menor propensão em fundar e operacionalizar startups com tecnologia apropriada e diferenciada. A pesquisa afirma ainda, que a questão de gênero no local de trabalho e em casa influenciam as mulheres a enfrentarem determinadas dificuldades, pois isso acaba por impor restrições significativas à essas mulheres que almejam fundar seu empreendimento ou startup, uma vez que esses obstáculos estruturais tendem a afastar as mulheres de criar empreendimentos com elevado potencial para crescer.

Quando se trata de perfil comportamental das mulheres empreendedoras, Krakauer *et al.* (2018) aponta que os comportamentos que interferem diretamente e em ordem de importância, são planejar, identificar oportunidades, ser social e liderar. Além disso, provou-se também que o perfil empreendedor das mulheres influencia positivamente a intenção empreendedora, ou seja, quanto maior o perfil empreendedor da mulher, maior é a sua intenção empreendedora.

### **Startups, Incubadoras, Aceleradoras, Agências fomentadoras**

Por encontrar-se sempre em constantes mudanças, o ambiente do empreendedorismo é composto por vários fatores como: as organizações empresariais, instituições, investidores, empresas, bancos entre outros. Pode-se entender, desta maneira, que as aceleradoras auxiliam os empreendedores em seus produtos iniciais,

identificando segmentos dos clientes, como também na obtenção de captação de recursos, sendo eles de pessoas, como funcionários e também de capital. (Abreu; Campos, 2016).

Atualmente, não existe uma definição única acerca do termo *startup*. De acordo com Blank (2010), *startup* é uma organização temporária em que não se tem histórico operacional e se criam produtos de tecnologia inovadora. Em 2014, Blank e Dorf definiram *startup* como uma organização temporária que visa ter um modelo de negócios escalável, reproduzível e rentável. Já Ries (2012, p.7), diz que *startup* é “uma instituição humana projetada para criar produtos e serviços sob condições de extrema incerteza”.

Para o Sebrae (2015), *startup* é uma empresa em fase inicial que tem proposta inovadora, baixo custo, base tecnológica, modelo de negócios escalável e uma ideia com potencial de se transformar em negócio. Vale ressaltar que esta pesquisa considera essa definição por esta já se encontrar devidamente adaptada ao cenário nacional, uma vez que o Sebrae é um ator de peso no ecossistema de empreendedorismo do Brasil, e, por levar em consideração aspectos da definição de Blank (2010) e Ries (2012).

Por sua vez, as incubadoras visam prestar apoio a pequenas empresas que tenham algum projeto para melhoria e bem-estar social. Gitahy (2015), esclarece que no método de incubação, o foco é no plano de negócios por eventualmente se tratar de receber verba pública ou mesmo privada, em que deve haver uma formalidade para que haja transparência em todas as etapas dos projetos, ter um teor criterioso forte, baseado em modelos de consultorias.

Para Abreu e Campos (2016), as aceleradoras buscam o desenvolvimento de programas, geralmente de três meses, que consiste prestar auxílios diversos durante várias etapas do estágio das *startups*, oferecendo capital até determinado limite, para ajudar no setor financeiro, gerando oportunidades variadas para realizar networking, receber mentorias de empresários renomado na área em questão, na busca por investidores-anjos.

Com objetivos similares, a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) também está focada em empresas que buscam inovações a todo momento, e está com um olhar muito atento nas pesquisas básicas e aplicadas e até no desenvolvimento e nas melhorias de produtos e/ou serviços, ou seja, está bem conectada as etapas do desenvolvimento científico e tecnológico. Outro órgão público federal que oferece esse tipo de suporte é o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e que se assemelha a um banco, pois oferece suporte financeiro a longo prazo, por meio de financiamentos (Malheiros, 2014).

## As mulheres e os reflexos de sua atuação nas áreas de tecnologia e inovação

Com as mudanças e o surgimento de configurações diferentes no trabalho na metade do século XX, Teixeira (2011) e Araújo (*et al.* 2004), destacaram inúmeras outras modificações na sociedade ocorreriam; mudanças profundas ligadas aos valores e cultura das sociedades diversas. Muitas delas resultaram dos movimentos feministas que criticavam firmemente o papel da mulher na sociedade. Esses movimentos contribuíram sobremaneira para a abertura de uma maior participação social das mulheres, principalmente no campo do trabalho nas empresas.

Com a explosão da II Guerra Mundial - GM o fomento à promoção dessas modificações sociais aconteceu com maior rapidez pelo mundo. Leta *et al.* (2006), destacam que, com a ida dos homens para a guerra, muitas organizações se viram necessitadas de mão-de-obra para suas instalações e perceberam que a força de trabalho feminina seria imprescindível naquele momento, para atuar nas empresas e em outras áreas estratégicas para os países.

Quando o campo da ciência e tecnologia vem à tona, a discussão fica bem mais interessante, pois alguns autores afirmam existir nessa área uma divisão muito clara dos papéis desempenhados por homens e mulheres. Por exemplo, Azevedo e Seixas (2017), destacam os discursos existentes, mesmo pregando o ideal de uma política igualitária, com oportunidades entre homens e mulheres. Essa realidade é reforçada com algumas práticas sociais e até estereótipos que acreditam na existência de papéis sociais previamente estabelecidos para homens e mulheres.

Sobre as startups, segundo Souza (2017), o uso da tecnologia está geralmente relacionado com o universo masculino, o que contribui para o afastamento, talvez até a exclusão, das mulheres nesse universo. Entretanto, alguns estudos apontam que nem sempre foi assim, já que nas décadas de 60 e 80, no auge da oferta de cursos na área da computação pelo Brasil, grande parte do corpo docente era formado por mulheres. O autor destaca também que todo esse movimento poderia ter como justificativa o fato de ser uma área nova e em franca ascensão no país. Nessa época ainda sequer havia o reconhecimento da computação com um importante fator de crescimento para a atividade econômica.

Percebe-se então, que se tratava de uma área sem estereótipos preestabelecidos e sem associações específicas se era exercida preponderantemente por homens ou por

mulheres. Mas, como bem ressaltou Castro (2013), as mudanças passaram a ocorrer quando a dinâmica da economia passou a ser impactada fortemente pelo uso da computação e das tecnologias como um todo. Desse momento em diante, passou a acontecer uma segregação de mulheres do setor.

## MÉTODO

Para a realização desta pesquisa, o procedimento utilizado foi o de pesquisa bibliográfica, caracterizada pelo levantamento de informações já publicadas em livros, artigos, revistas, dentre outras formas, ajudando na construção de uma análise sobre as diversas opiniões a respeito de um tema. (Gerhard e Silveira, 2009).

Na visão de Fonseca (2017), todo trabalho científico se inicia com uma pesquisa bibliográfica, permitindo ao pesquisador obter conhecimento sobre o já foi produzido cientificamente sobre um determinado tema. Assim, o pesquisador tem a liberdade neste procedimento atuar de maneira completa, visando selecionar o seu objeto de estudo e as referências a serem utilizadas.

Quanto à abordagem, o tipo de pesquisa utilizado foi a qualitativa, pois buscou trazer alguns conceitos, de acordo com o fenômeno social em que estão inseridas, sem apresentar aspectos quantitativos, e sim alguns pontos sob abordagens diferentes, como por exemplo, as características da pesquisa qualitativa, objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações em determinado fenômeno, tanto no nível global quanto no local; verificando diferenças que ocorram no mundo social e também no mundo natural; observar a interação entre os objetivos dos investigadores, como são suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (Creswell, 2012).

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, com a finalidade proporcionar familiaridade com o tema em questão, tornando-o mais claro ou construindo hipóteses. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica, tendo em vista o objetivo de gerar novos conhecimentos, entretanto sem aplicação prática específica (Gerhard e Silveira, 2009).



## ANÁLISE DOS DADOS

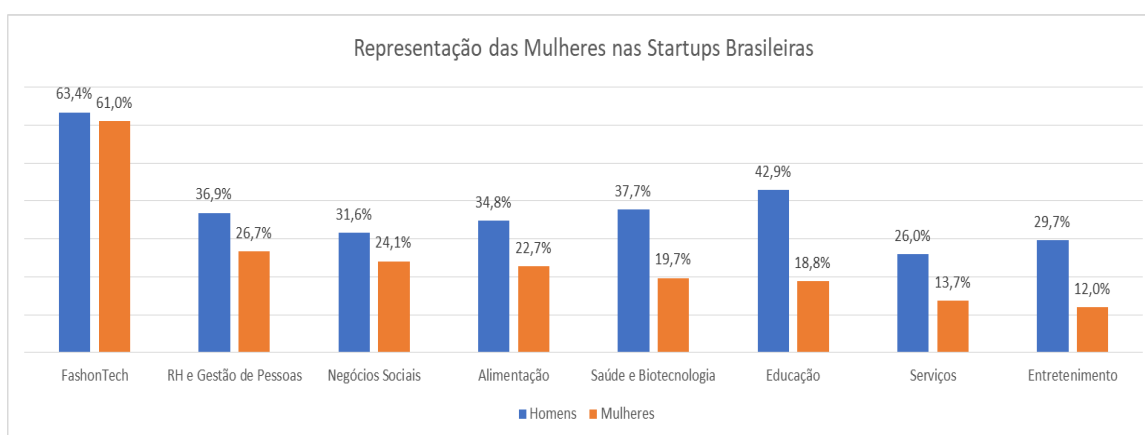
De acordo com levantamento realizado pela Associação Brasileira de Startups (ABSTARTUPS, 2019), quando o ecossistema brasileiro de startups ainda estava no seu desenvolvimento inicial, cerca de 10 anos atrás, com 18% do tamanho que tem hoje, as empresas de base tecnológica fundadas apenas por mulheres representavam 4,4% deste mercado e outras 3,5% tinham como seus fundadores homens e mulheres. Empresas fundadas por homens, exclusivamente, eram 92,1% em 2011. Já em 2020, esses índices passam a 4,7%, 5,1%, 4,7% e 90,2% (ABSTARTUPS, 2021).

O levantamento apresenta ainda, que a desigualdade se manifesta nas mais diferentes fases dos negócios, desde a ideação/criação do negócio até a atuação dessas empresas no mercado, não deixando de fora a captação de investimentos. Corroborando com esse estudo, uma publicação da Harvard Business Review - HBR (2020), que afirma que, mesmo utilizando os mesmos argumentos para suas ações, os investidores acabam por privilegiar pitches de homens e deixam de lado os das mulheres (HBR, 2021).

Cabe destacar outro estudo, da Female Founders Report - FFR (2021), que apresenta que no empreendedorismo tradicional, onde as empresas não têm em sua essência a inovação, 46,2% das empresas são fundadas por mulheres. Já no ecossistema de inovação, a mesma representação cai para 9,8%, sendo 4,7% delas fundadas exclusivamente por mulheres e outras 5,1% cofundadas por elas, demonstrando com isso, o quanto a inovação e o empreendedorismo ainda se colocam como um ambiente restrito à presença das mulheres. O estudo considerou uma amostra de 6.200 empreendimentos, representando quase 48% do universo de 13 mil startups presentes no ecossistema brasileiro.

Ainda com referência ao estudo da FFR (2021), o setor de Moda é o que tem maior presença feminina entre as startups brasileiras, ou seja, mais de 60% desses negócios inovadores ligados à moda, foram fundados por mulheres. O estudo aponta que a representatividade feminina também é alta nos mercados de RH & Gestão de Pessoas, Negócios Sociais e Alimentação, com representatividade de 26,7%, 24,1% e 22,7%, respectivamente. Porém, apesar desses números, juntos, esses setores representam somente 3,5% do ecossistema de startups no Brasil. E a média do mercado brasileiro que conta com a participação das mulheres é de apenas 15%. Mas alguns estudos em andamento destacam que esse cenário vem evoluindo lentamente.

**Gráfico 1 – Representação das Mulheres nas Startups Brasileiras**



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Retornando à pesquisa da ABSTARTUPS (2021), quando se fala de fundadoras, somente 12,6% das Startups foram fundadas por mulheres. Entre essas startups, os modelos de negócio principais são as vendas direta, marketplace e SaaS; e a principal área de atuação estão nos segmentos de saúde e educação.

Para a Associação, esse número vem aumentando a passos lentos comparado ao crescimento amplo e acelerado do ecossistema no país. Acerca das regiões brasileiras, o Nordeste (13,5%) e o Centro-Oeste (14,3%) são as regiões com maior número de startups fundadas por mulheres no Brasil. Entre as startups mapeadas, somente 5,1% delas é composta de 95 a 100% por mulheres na operação, 26,9% não tem mulheres no time e 15,1% tem metade do time formado por mulheres.

Na tentativa de justificar números tão inexpressivos, em recente revisão sistemática realizada por Ortega, Pavan e Nogueira (2021), foram encontrados alguns fatores preponderantes que impedem a participação das mulheres na fundação de startups no país: O primeiro fator identificado, considerado como impeditivo, vem da descoberta de Vale *et al.* (2011), que sugere que homens e mulheres recorrem a fontes bem diferentes na busca de informações para seu empreendimento. É o que o autor chama de diferenças nas redes sociais, ou seja, as mulheres costumam recorrer a laços mais próximos, enquanto os homens buscam fontes como feiras e exposições.

A segunda barreira é o contexto histórico e social em que a mulher se encontra. Ferreira e Nogueira (2013) destacam que a mulher vive em um uma sociedade que precisa conquistar seu espaço e precisa provar, constantemente, que é capaz de gerir seu empreendimento com sucesso para que, dessa maneira ela conquiste seu espaço e sua identidade de empreendedora. Outro fator é que a socialização dessa mulher na sua

infância teve grande influência sobre o seu sistema de representação, ou seja, essas influências passam por gerações.

Já o terceiro fator impeditivo para as mulheres, é que elas precisam de maiores investimentos em capital humano, social e práticas gerenciais do que os homens, para que seus empreendimentos tenham probabilidades de sobrevivência iguais aos dos homens, segundo Bertolami *et al.* (2018). Segundo o estudo, o empreendedorismo feminino nem sempre é mais arriscado do que empresas “masculinas”, mas sim que o fator de ter sido fundado por uma mulher, afeta as chances de sobrevivência do negócio. Com isso, as mulheres precisam considerar mecanismos que compensem essa disparidade visando aumentar a probabilidade de sucesso do seu negócio.

O quarto fator identificado aponta o conflito trabalho-família como obstáculo para o alcance do sucesso da mulher ao empreender. Esse conflito foi dividido pelas autoras em três dimensões: tempo, tensão e comportamento.

Para Strobino e Teixeira (2013), os resultados das entrevistas realizadas por eles, com mulheres empreendedoras, indicaram que a indefinição do horário de trabalho, a dificuldade de compartilhar as atividades familiares com a família e as poucas horas dedicadas à mesma, devido à alta demanda de tempo aos assuntos profissionais, são os conflitos relacionados a dimensão tempo.

Já com relação aos conflitos da dimensão tensão foram indicados o estresse, por conta de problemas financeiros em suas empresas ou a cobrança dos honorários pelos serviços prestados, os transtornos emocionais por conta de brigas familiares e pouco apoio marital.

Com relação a dimensão comportamento, os pontos destacados foram: falta de ânimo para gerenciar a empresa, mau humor na relação com a família devido aos problemas na empresa e falta de motivação pelo retorno financeiro abaixo do esperado em sua empresa ou pela rotina estressante. O estudo também ressaltou a associação que é feita do gênero feminino ao trabalho doméstico. As mulheres continuam desempenhando a maior parte desse trabalho, mantendo uma divisão injusta das tarefas domésticas e do trabalho profissional (Bertolami *et al.*, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o tema é relativamente novo no Brasil, as dificuldades de pesquisa foram a falta de material bibliográfico, como artigos, livros, focando com mais profundidade no tema. Os dados foram extraídos de pesquisas realizadas em revistas brasileiras classificadas pelas CAPES como até B1 e nos sites das organizações que trabalham com dados oficiais sobre o tema abordado.

Ainda, adotou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica por ser uma forma bem oportuna de abranger o cenário nacional, além da limitação do tempo e de recursos para uma pesquisa mais ampla das startups em todas as regiões do Brasil, o que dificultaria uma pesquisa de campo.

Em pesquisa futura, será necessário um estudo mais específico, utilizando a pesquisa de campo para abordar as dificuldades encontradas pelas mulheres para fundar e atuar em startups no Brasil. Possivelmente, entre outras ações, provocar também o poder público na busca por políticas específicas para mitigar essas diferenças, já que o objetivo final é gerar melhorias para a sociedade, por meio do trabalho desenvolvido pelas startups e assim, reduzir consideravelmente a disparidade na fundação de startups por mulheres em todas as regiões do país, e buscar construir um panorama nacional das startups de maneira mais equitativa.

Por fim, o crescimento do empreendedorismo no Brasil, aponta a necessidade de constantes pesquisas, tendo em vista as oportunidades nessa área e a busca pela inovação, além das necessidades de clientes que surgem a cada dia, que buscam mais e mais serviços e produtos ofertados de maneira ágil, com a tecnologia aliada ao bem estar social, sendo estes os principais objetivos das startups.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Paulo R. M.; CAMPOS, Newton M. O panorama das aceleradoras de startups no Brasil. 2016. Disponível em: <[https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18853/Abreu; Campos Neto\\_Panorama das aceleradoras de startups no Brasil.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18853/Abreu; Campos Neto_Panorama das aceleradoras de startups no Brasil.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 06 de junho de 2022.
- ABSTARTUPS, 2022. Vamos Entender Onde Estão As Mulheres Do Ecosistema De Startups. Disponível em: <<https://abstartups.com.br/onde-estao-as-mulheres-do-ecossistema-de-startups/>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.
- ALMEIDA, Mario de. Você sabe a diferença de invenção e inovação? Disponível em <<http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/voce-sabe-a-diferenca-de-invencao-e-inovacao/86315/>> Acesso em: 09 de junho de 2022.
- AZEVEDO, José; SEIXAS, Maria João Costa. Questões de gênero na participação digital. Universidade do Porto. Disponível em: [http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/jose\\_19.pdf](http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/jose_19.pdf). Acesso em 14 jun. 2022.
- BERTOLAMI, M., Artes, R., Gonçalves, P. A., Hashimoto, M., e Lazzarini, S. G. Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. RAC, Rio de Janeiro, v. 22, n.3, art. 1, p. 311-335, mai./jun. 2018.
- BLANK, S. What's A Startup? First Principles. 2010. Disponível em: <<https://steveblank.com/2010/01/25/whats-a-startup-first-principles/>>. Acesso em 15 de junho de 2022.
- BLANK, S., e DORF, B. Startup: Manual do Empreendedor (1a ed.). Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.
- BOX, M., e LARSSON S. T. Entrepreneurial teams, gender, and new venture survival: contexts and institutions. Sage Open, 8(2), 2158244018777020, 2018.
- BRASSCOM (Brasil). Associação Brasileira das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (Org.). Start up. 2016. Disponível em: <<http://www.brasilitplus.com/brasilit/upload/download/1416332923startups.pdf>>. Acesso em: 11 de junho de 2022.
- CANNING, J., Haque, M., e Wang, Y. Women at the Wheel: Do Female Executives Drive Start-Up Success? Dow Jones and Company. 2012.
- CARNAHAN, S., Agarwal, R., e Campbell, B.A. Heterogeneity in turnover: the effect of relative compensation dispersion of firms on the mobility and entrepreneurship of extreme performers. Strateg. Manage. J. 33, p.1411-1430, 2012.
- CASTRO, Bárbara. Afogados em contratos: o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI. 2013. 368 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280163>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

COLEMAN, S., e ROBB, A. A comparison of new firm financing by gender: evidence from the Kauffman Firm Survey data. *Small Business Economics*, 33(4), p.397-411, 2014.

CRESWELL, J. W. *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2012.

DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo Corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FERREIRA, J. M., e NOGUEIRA, E. E. S. Mulheres e Suas Histórias: Razão, Sensibilidade e Subjetividade no Empreendedorismo Feminino. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, art. 1, p.398-417, Jul./Ago. 2013.

FONSECA, João José Saraiva. *METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA*. Ceará, 30 mar. 2017. Disponível em: <[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila\\_METODOLOGIA\\_DA\\_PESQUISA\(1\).pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_METODOLOGIA_DA_PESQUISA(1).pdf)>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

GATEWOOD, E.J., Carter, N.M., Brush, C.G., Greene, P.G., e Hart, M.M. *Women Entrepreneurs, Their Ventures, and the Venture Capital Industry: An Annotated Bibliography*. Entrepreneurship and Small Business Research Institute, Stockholm, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Rs: Ufrgs, 2009. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=dRuzRyEIzmkC&printsec=frontcover&dq=Métodos+de+Pesquisa+TATIANA&hl=ptPT&sa=X&ved=0ahUKEwjEtd688v3WAhXCHpAKHXRQB4EQ6wEIKDAA#v=onepage&q=>>>. Acesso em: 06 de junho de 2022.

GITAHY, Yuri. Entenda a diferença entre incubadora e aceleradora. 2015. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-a-diferenca-entre-incubadora-e-aceleradora,761913074c0a3410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

Global Entrepreneurship Monitor. *Empreendedorismo no Brasil: 2015* \Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; autores: Mariano de Matos Macedo... [et al]. Curitiba: IBQP, 2014. 178p.: il.

Global Entrepreneurship Monitor. *Relatório executivo, 2019*. Disponível em: <<https://www.gemconsortium.org>>. Acesso em 20 de junho de 2022.

GREENE, P.G., Hart, M.M., Gatewood, E.J., Brush, C.G., e Carter, N.M. *Women Entrepreneurs: Moving Front and Center: An Overview of Research and Theory*. Coleman White Paper Series, 2003.

GUZMAN, J., e KACPERCZYK, A. O. Gender gap in entrepreneurship. *Research Policy*, 48(7), 1666-1680, 2019.

Harvard Business Review (September-October), 2021. CROSSAN, M.; LANE, H.; WHITE, R.

KACPERCZYK, Aleksandra J. Opportunity structures in established firms entrepreneurship versus intrapreneurship in mutual funds. *Adm. Sci. Q.* 57 (3), p.484–521, 2012.

KACPERCZYK, Younkin P. Detours or Dead-ends: The Effect of Entrepreneurship on the Future Employment of Women. London Business School Working Paper, 2019.

KRAKAUER, P. V. C., Moraes, G. H. S. M., Coda, R., e Berne, D. F. Brazilian women's entrepreneurial profile and intention, *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, Vol. 10 Issue: 4, p.361-380, 2018

LETA, Jacqueline; *et al.* CARISEY, Martine; SÉCHET, Patrick; OHAYON, Pierre. As mulheres na pesquisa, no desenvolvimento tecnológico e na inovação: uma comparação Brasil/França. Brasília: Revista do Serviço Público, 2006. p. 531 – 548. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/210/215>. Acesso em 25 de junho de 2022.

MALHEIROS, Manoela. Conheça as principais agências e linhas de fomento. 2014. Disponível em <<https://endeavor.org.br/endeavor-recomenda/conheca-as-principais-agencias-e-linhas-de-fomento/>>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

MORRIS, M. H., Miyasaki, N. N., Watters, C. E., e Coombes, S. M. The dilemma of growth: Understanding venture size choices of women entrepreneurs. *Journal of Small Business Management*, 44(2), 221-244, 2006.

O que startups fundadas por mulheres devem esperar de 2022? Disponível em: <https://startups.com.br/artigo/artigo-o-que-startups-fundadas-por-mulheres-devem-esperar-de-2022/>. Acessado em: 03 de outubro de 2022.

Quais são os principais setores liderados por mulheres nas startups do Brasil. Distrito, 2021. Disponível em: < <https://distrito.me/blog/principais-segmentos-mulheres-brasil/>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

REYNOLDS, P. National panel study of U.S. Business start-ups: background and methodology. In: Katz, J.A., Brockhaus, R.H. (Eds.), *Databases for the Study of Entrepreneurship*, Vol. 4 of *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence, and Growth*. JAI Press, Greenwich, CT, p. 153–227, 2000.

RIES, E. A Startup Enxuta. São Paulo: Leya, p. 7 - 24, 2012.

ROBB, A., Coleman, S., e Stangler, D. Sources of Economic Hope: Women's Entrepreneurship. 2014. Disponível em: < [https://www.kauffman.org/wp-content/uploads/2019/12/sources\\_of\\_economic\\_hope\\_womens\\_entrepreneurship.pdf](https://www.kauffman.org/wp-content/uploads/2019/12/sources_of_economic_hope_womens_entrepreneurship.pdf) >. Acesso em 07 de junho de 2022.

RUEF, M., Aldrich, H.E., e Carter, N. The structure of organizational founding teams: homophily, strong ties, and isolation among U.S. entrepreneurs. *Am. Sociol. Rev.* 68 (2), 195–222, 2003.

SEBRAE, CE 2015. Disponível em: <<http://gestaoportal.sebrae.com.br/uf/ceara/tecnologia/bonus/certificacao/DicionarioTecnologiaeInovacao.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SEBRAE, 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebrae50mais50/noticias/atlas%E2%80%93dos%E2%80%93pequenos%E2%80%93negocios%E2%80%93e%E2%80%93lancado%E2%80%93nos%E2%80%9350%E2%80%93anos%E2%80%93do%E2%80%93sebrae>.

SØRENSEN, J.B., e SHARKEY, A.J. Entrepreneurship as a mobility process. *Am. Sociol. Rev.* 79 (2), 328–349, 2014.

SOUZA, Tatiele Pereira. A Desigualdade de gênero no campo da tecnologia da informação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11, & WOMEN'S WORLDS, 2017.

STROBINO, M. R. C., e TEIXEIRA, R. M. “Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba”. *R.Adm.*, São Paulo, v.49, n.1, p.59-76, jan./fev./mar. 2013.

VALE, G. M. V., Serafim, A. C. F., e Teodósio, A. D. S. “Gênero, Imersão e Empreendedorismo: Sexo Frágil, Laços Fortes?”. *RAC*, Curitiba, v. 15, n. 4, art. 4, p. 631-649, Jul./Ago. 2011.

YANG, T., e Aldrich, H.E. Who's the boss? Explaining gender inequality in entrepreneurial teams. *Am. Sociol. Rev.* 79 (2), 303–327, 2014.